

CAPA

Gê Orthof



Figura 1 - Moradas do Íntimo
Fonte: Orthof e Dias
(2009).

R&M: “Écoute” nos dá uma pequena dimensão do modo como você compreende o espaço expositivo; sua obra pede que o corpo do espectador aproxime-se, num jogo das pequenas coisas interligadas no/e/com o espaço/corpo. Podemos afirmar que há uma recusa do monumental, tão celebrado na literatura canônica da arte contemporânea? Ou a intenção é outra?

Gê Orthof: Certamente, minha dimensão é a do íntimo, das pequenas mãos, do olhar desejanter de mistérios. A tática de unir miniaturas em profusão, contaminando o espaço majestoso (tanto no sentido de lugar sagrado museológico, quanto das dimensões físicas amplas dos espaços expositivos) tem, predominantemente, duas intenções: a de convidar o espectador a estar imerso e disponível para escolher o que deseja guardar como memória da experiência da obra, assim como quebrar a perversa premissa de que o tempo (produtivo) tem valor. Minhas instalações são feitas de pequenos rastros, anotações, de caráter labiríntico que, por não possibilitar sua captura, enquanto objeto palpável de consumo de arte, desafia certos paradigmas estabelecidos pelo circuito comercial da arte.

R&M: De um modo peculiar o projeto “Moradas do Íntimo”, coordenado por você, transforma e amplia o sentido de espaço museal ao expor em “moradas” não convencionais para a arte. Como o projeto instiga uma reflexão sobre o papel dos processos expositivos?

Gê: Idealizei o projeto junto com a artista Karina Dias. O projeto teve início com um anúncio nos classificados de um jornal local, que anunciava, aproximadamente, o seguinte texto: artista procura morada para abrigar o íntimo” seguido de um número de telefone para contato. Tivemos um retorno de cerca de vinte interessados que colocamos à disposição dos dez artistas participantes (incluindo Karina e eu) para que cada um fizesse o contato e escolhesse a morada que tivesse interesse em intervir. Foi uma escolha natural, conseguimos abrigo para o projeto desde quitinetes à grandes casas no Lago, nas cidades satélites e no Plano Piloto, isso nos deixou muito felizes. Cada artista combinou com seu anfitrião, o tempo de permanência da intervenção que variou de uma semana a um mês. Estabelecemos que esse momento do projeto, não se tratava de uma exposição aberta ao público, caberia aos anfitriões convidar apenas seus amigos íntimos e familiares para um encontro informal com cada artista e a visita às intervenções. Chamamos afetuosamente essa fase de “in-sposição”. Posteriormente, criamos, no Espaço Cultural Marcantonio Vilaça, em Brasília, a segunda fase do projeto, que recriava aspectos das intervenções no espaço tradicional da galeria. Ali, solicitamos aos artistas que criassem uma nova obra, que remetesse à experiência das intervenções nas casas. Acrescentamos um documentário poético em vídeo, criado por Nina Orthof e uma seleção de imagens das intervenções nas casas, projetadas na parede da galeria. O espaço expositivo também foi concebido harmonicamente com o aspecto intimista do projeto com referências as portas de um edifício, onde o visitante encontrava a foto da intervenção original e apenas os primeiros nomes dos anfitriões e dos artistas, por exemplo, no meu caso, estava escrito: “beth e roque hospedam gê”.

R&M: Você defende um posicionamento mais ativo do artista diante do sistema da arte. Muitos artistas contemporâneos tem se posicionado contrários ao atual sistema curatorial, qual a sua relação com os curadores?

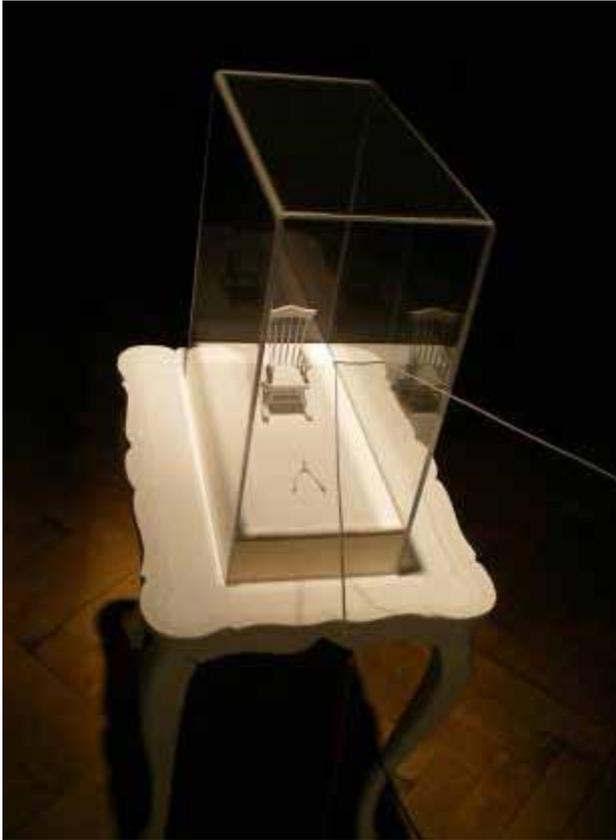


Figura 2 - Écoute.ARSI 17, Bruxelas, Belgica
Fonte: Orthof (2009).



Figura 3 - Écoute,ARSI 17, Bruxelas, Belgica.
Fonte: Orthof (2009).

Gê: A questão é naturalmente complexa. Não sou contra os curadores, mas precisamos rever o peso que eles ganharam no sistema atual. Fico realmente perplexo em receber convites de grandes instituições culturais onde consta o nome do curador, da mostra e nenhuma informação sobre os artistas. Sempre lutei, inclusive como tema central de meu doutorado nos anos 90, pela voz do artista. Em minhas disciplinas, faço questão de incluir as diferentes vozes/escritas: do artista, do teórico, do historiador etc. Acho que cada uma traz aspectos singulares e pontos de vistas fundamentais para tentarmos uma aproximação (sempre incompleta) com a experiência da revelação de uma obra de arte.

R&M: Seu trabalho lida com a intimidade e sua visibilidade; qual a sua opinião sobre fetichização do ateliê do artista pelas instituições da arte? A intimidade da produção pode ser musealizada?

Gê: Particularmente tenho dificuldade com algumas exposições que recriam o ateliê de forma fetichista, principalmente pelo aspecto de vitrine engessada, como as cenografias criadas em museus de história natural. Por outro lado, pode ser visto como um recurso, um artifício, para evidenciar algumas questões de método de trabalho, da personalidade daquele artista. É importante observar as especificidades de cada projeto. Existem experiências vivas, como o ateliê FINEP em parceria com o Paço Imperial do Rio de Janeiro, que já criou mais de setenta situações diferenciadas de ateliês de artistas, experiência distinta da concepção do ateliê enquanto obra efêmera do ateliê/arquivo do artista Paulo Bruscky, na 26ª Bienal de São Paulo, ou ainda o ateliê permanente de caráter didático, como o ateliê de Brancusi no Centre Pompidou em Paris. Em nosso Grupo de Pesquisa Moradas do Íntimo, buscamos investigar o que seria esse íntimo, que se mantém preservado, sombreado, mas que se revela a todo instante na prática artística. Como acontece a passagem do interior para o exterior, da sombra para a forma? Existiria um lugar-do-íntimo, uma morada para o íntimo nessa agoralidade imersa em um fluxo intenso de paisagens que apenas reconhecemos de passagem? Propomos iniciar pelo inexorável paradoxo da razão em revelar um segredo, que, em princípio, se destina à invisibilidade silenciosa do ateliê e não à exibição da sala de exposição. Esse paradoxo parece habitar a matriz de qualquer obra de arte. O movimento parece ser sempre esse, do dentro para fora, do indivíduo para o grupo, do ínfimo para o vasto mundo. Mundo lá fora, domínio do outro, que nos espreita, com o seu insaciável desejo de voyeur. Por que iniciamos esse caminho? Por quem desejamos ser vistos? Possuímos ainda algum controle? Essas são algumas das indagações que movem nossa curiosidade em investigar o lugar do íntimo na produção contemporânea das artes.

Referências:

ORTHOFF, Ge. *Écoute, ARS I 17*. Bruxelas, Belgica, 2009.

ORTHOFF, Ge; DIAS, Karina. *Moradas do Íntimo*. [S.l.: s.n.], 2009.